

Ensaio sobre os discursos identitários-imagéticos de São José dos Campos (SP): da fase sanatorial ao polo tecnológico

Essay on the identity and imaginary discourses of São José dos Campos (SP): from the sanatorial period to the technological pole

Isabel Degen Alendes

Licenciada em História
Universidade do Vale do Paraíba
bel.alendes@gmail.com.

Lidiane M. Maciel

Doutora em Sociologia
Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP).
lidiane@univap.br.

Recebido em: 06/09/2020

Aprovado em: 08/01/2021

Resumo: o trabalho tem como tema o estudo das transformações históricas na cidade de São José dos Campos/SP no século XX e início do XXI, bem como a composição da identidade social. O objetivo é estudar o cenário e o discurso “cosmopolita” adquirido pela cidade durante o processo de industrialização, que influenciou a composição das identidades sociais e refutou a fase sanatorial do município. A metodologia é qualitativa e se apoia na análise de documentos históricos/imagéticos, de caráter propagandista, do período considerado. Tem-se a hipótese de que, como consequência da modernização ocorrida na segunda metade do século XX, a cidade construiu um imaginário vinculado a interesses econômicos e sociais exógenos, o que apagou determinadas expressões simbólicas vindas da fase sanatorial. Isso teria ocasionado a negação de identidades outras que não aquelas vinculadas a ideia do moderno. Como resultados e conclusões, verificaram-se diversas expressões propagandistas e imaginárias que construíram a memória coletiva. Observou-se que determinados aspectos da vida social da cidade foram ressaltados e, outros menosprezados, o que evidencia uma disputa de poder entre diferentes atores sociais e políticos na luta pela definição das identidades sociais.

Palavras-chave: Modernização, Fase sanatorial, Identidade.

Abstract: the article aims to study the historical transformations in the city of São José dos Campos in the 20th and early 21st centuries, as well as the composition of social identity. The objective is to study the “cosmopolitan” scenario acquired by the city during the industrialization process that influenced the composition of social identities, refuting its sanatorial phase. The methodology is

qualitative and is based on the analysis of historical / propagandist documents of the period considered. The hypothesis states that, because of modernization in the second half of the 20th century, the city built an imaginary linked to exogenous economic and social interests, which erased certain symbolic expressions from the sanatorial phase, resulting in the denial of identities other than those linked to idea of the modern. As results and conclusions, it was verified the diverse propagandist and imaginary expressions that built the collective memory highlighting certain aspects of the social life of the city and underestimating others, which shows a power struggle between different social / political actors in the struggle for the definition of social identities.

Keywords: Modernization, Sanatorial Period, Identity.

Introdução

O presente trabalho busca analisar as transformações históricas e identitárias ocorridas na cidade de São José dos Campos, no estado de São Paulo, dedicando-se, mais especificamente, ao estudo das transformações advindas da industrialização. De um passado marcado pela fase sanatorial, a atualidade desponta por meio da construção de um ideal de cidade cosmopolita. Em outras palavras, o objetivo geral é estudar o cenário “moderno” e cosmopolita¹ (SANTOS, 1997) de São José dos Campos que influenciou a composição das identidades sociais que hoje são encontradas em seu território. Há uma composição de comunidade imaginada (ANDERSON, 2008), global, que refuta as vinculações anteriores, fundadas em seu passado sanitarista, nas migrações de cunho regional e nos tradicionalismos do Vale do Paraíba paulista.

Toma-se como hipótese que nesse território, modificado econômica e culturalmente, algumas identidades foram negadas como consequência do imaginário construído com base em interesses econômicos, políticos e sociais. Dessa condição, destacamos a constituição social joseense, originada de processos migratórios internos e internacionais. As imagens de poder advindas da industrialização e da globalização se apresentam como bem-vindas na composição das identidades sociais modernas e “cosmopolitas”, como mostraremos em imagens neste artigo. Já as contribuições culturais advindas do sanitarismo, da cultura regional e da cultura mineira serão referenciadas como exóticas e características de um passado longínquo, tendo sido, até mesmo, renegadas a um segundo plano.

¹ Boaventura de Souza Santos (1997) define o cosmopolitismo como “localismos globalizados”, ou seja, estruturas culturais “locais” que, ilusoriamente, se designam como globais e, por isso, descentralizam sua condição original, a saber, um estado-nação.

Para além da revisão de literatura, focada na fase sanatorial e industrial de São José dos Campos, buscou-se mostrar, através de uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977) de jornais e revistas da cidade do passado e do presente, assim como por meio de símbolos, os locais que possibilitam a presença das ideias de modernidade e de cosmopolitismo, que influenciaram a construção da identidade joseense vivenciada no tempo presente. Trata-se, resumidamente: de itens de publicidade analisados sobre a cidade de São José dos Campos; de locais de passagem (indústrias à beira da Rodovia Eurico Gaspar Dutra, Centro Tecnológico Aeroespacial, Parque Santos Dumont, Ponte Estaiada); e por fim, do brasão de São José dos Campos.

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, realizam-se alguns apontamentos históricos desde a fase sanatorial até a fase industrial em São José dos Campos; na segunda seção, discutem-se questões teóricas sobre o território, a cultura, identidade e comunidade imaginadas; e, por fim, na terceira seção, exibem-se as imagens identitárias que se apresentam em São José dos Campos, no estado de São Paulo.

A trajetória de São José dos Campos da fase sanatorial à industrial

O município de São José dos Campos, no estado de São Paulo, entre 1920 e fins da década de 1940, apresentou-se nacionalmente como centro de tratamento de tuberculose, sendo sua política administrativa e econômica toda voltada para as atividades de saúde. Por isso, o período ficou conhecido como sanatorial (ZANETTI, 2012). Atraídos pelo desenvolvimento de técnicas de tratamento, diversos médicos sanitaristas chegaram à cidade, os quais passaram a participar das esferas políticas e a tornar-se, inclusive, prefeitos do município. Um exemplo foi o Dr. Rui Rodrigues Dória, prefeito joseense durante os anos de 1930 e 1931.

A propaganda em massa criada e difundida pela própria administração pública tratava dos “bons ares” de São José dos Campos, o que resultou em “um grande fluxo migratório de tuberculosos vindos de cidades como São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, atraídos pelo clima que se dizia milagroso” (ZANETTI, 2012, p. 16). De acordo com o seguinte trecho, extraído de uma das coletâneas do boletim médico da época:

Há muito, vinhamos sentindo a necessidade de propagar de modo mais amplo o nosso grande entusiasmo (*sic.*) pelo clima maravilhoso de SÃO JOSÉ DOS CAMPOS cujas virtudes operam á nossa vista, tantos e tão reaes (*sic.*) prodígios. Iniciámos (*sic.*) por isso, ha tres (*sic.*) annos (*sic.*), a publicação de um “Boletim

Medico” inspirado no que Hauteville distribúe (*sic.*). Sahu (*sic.*) o primeiro numero, muito modesto, mas que poude (*sic.*) suscitar alguns applausos (*sic.*) dos que devem a saúde a este clima e que querem ver as suas virtudes aproveitadas por um numero ainda maior de tuberculosos [...]. (BOLETIM MÉDICO, 05/1933).

Assim como o *Boletim Médico*, outros meios jornalísticos de propaganda eram responsáveis por criar uma imagem de São José dos Campos fundada na ideia de cura pelos bons ares e pela climatologia. Almanques dirigidos à população local também descreviam as rotinas dos tratamentos para tuberculose. Por afirmar essa condição, tais documentos tinham grande circulação e eram difundidos em pontos comerciais, festa religiosas e demais espaços públicos. O objetivo destes almanques era “instrumentalizar a propaganda” (ZANETTI, 2012, p. 56).

Em 12 de março de 1935, por meio do decreto nº 7007, foi criada uma estância climatérica em São José dos Campos, o que trouxe uma possibilidade ainda maior de atração de capital estatal para o planejamento urbano e modernizador da cidade. O *Boletim Médico* não deixou de noticiar esse novo estímulo. Os recursos provenientes da criação desta estância climatérica foram investidos na infraestrutura da cidade, refletindo também na construção de redes de esgoto, pavimentação de ruas e iluminação (PAPALI *et al.*, 2008, p. 146).

Diversas das transformações que ocorrem na cidade na primeira metade do século XX tiveram como “intuito de deixar saudável o espaço social. Com esses propósitos, encontrava-se o motivo para afastar do centro das cidades os miseráveis e indigentes moradores [...]” (ZANETTI, 2012, p. 34). Por conta destas mesmas transformações, influenciadas pelo pensamento de uma modernização paisagística, em São José dos Campos, ainda segundo Zanetti (2012), criou-se uma propaganda segundo a qual o espaço urbano seria o vetor epidêmico sobre o qual o Estado deveria atuar fortemente em sua gestão. Isso também passou a atender as “necessidades econômicas das classes dirigentes e do desenvolvimento do capitalismo internacional” (ZANETTI, 2012, p. 31).

De acordo com Lessa (2004, p. 2), tendo como fatores a intensa migração de doentes tuberculosos para São José dos Campos e o surgimento de serviços ligados a estes, a política local concentrou investimentos em determinadas áreas da cidade. Nesse contexto, a administração pública municipal, provida também de incentivos estatais, a partir de 1940, visou a transformação da cidade em polo regional industrial. A construção das rodovias Washington Luiz e Presidente Dutra, nos anos de 1928 e 1950, respectivamente, possibilitou a ligação entre os estados de São Paulo e Rio de

Janeiro, atraindo oportunidades de instalação de indústrias na cidade, assim como facilitou o fluxo de mercadorias e matérias-primas (SOUZA e COSTA, 2010, p. 99 e 100).

De acordo com Costa *et al.* (2008), sendo influenciada pelo contínuo crescimento econômico, a mancha urbana se espalhou em direção a regiões próximas, especialmente da via Dutra. Uma delas foi a Zona Sul, que apresentou um crescimento constante e significativo entre 1973 a 1985, também sob incentivo da Lei de Zoneamento, proposta em 1980, e da adoção pelo município de uma política habitacional que entrou em vigor com o Plano Diretor de 1971.

Nas décadas de 1950 e 1960, com a instalação de órgãos militares como o Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA) e, conseqüentemente, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), assim como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) (SOUZA, 2008), a cidade sanitária cedeu espaço ao “processo de industrialização que passaria a comandar o desenvolvimento da cidade e do município” (PMSJC, 1994, p. 32).

A vinda de multinacionais para a cidade, como a General Motors (GM) em 1958, a Ericsson (1955), a Panasonic (1974), entre outras, assim como a instalação da Empresa Brasileira de Aeronáutica S/A (Embraer) no ano de 1969, voltada totalmente ao setor aeroespacial, e a instalação da Refinaria Henrique Lage (REVAP), em 1980, também ajudaram a impulsionar o crescente período de industrialização. Após a instalação da refinaria da Petrobrás, a região leste da cidade, por exemplo, apresentou um percentual de 16,37% de crescimento no quesito de loteamentos aprovados.

A cidade dos “bons ares” para os tuberculosos do Brasil inteiro, por sua localização estratégica entre dois polos nacionais importantes, São Paulo e Rio de Janeiro, cedeu lugar para uma nova função, que gradativamente firmou suas bases até 1970, década em que se observou um significativo crescimento do parque industrial de São José dos Campos. A chamada fase industrial estava, então, instituída (SOUZA, 2008).

No município de São José dos Campos “no período compreendido entre as décadas de 1950 a 1970, o número de indústrias instaladas salta de 65 a 284, respectivamente” (SOUZA e COSTA, 2010, p. 95). Este dado pode ser verificado na Tabela 1:

Tabela 1: Instalação de indústrias no município de São José dos Campos – 1940 – 2003

Ano	Número de indústrias
1940	45
1950	65
1960	72
1970	284
1975	368
1980	351
1985	454
1996	865
1997	912
1998	918
1999	967
2000	988
2001	1.075
2002	1.161
2003	1.171

Fonte: Supervisão de Documentação e Disseminação de Informações (SDDI) / IBGE. Censo Industrial – 1940 – 1985 / Cadastro Central de Empresas – 1985 – 2003. Elaboração: Adriane A. M. de Souza.

Concomitantemente ao crescimento industrial no município e à influência que este trouxe, houve um crescimento populacional significativo, conforme mostra a Tabela 2. Em 1950, eram 44.804 habitantes; já em 1970, eram 148.332 habitantes. As áreas urbanas, especialmente, foram as que mais cresceram após a segunda metade do século XX. Com o cenário cada vez mais intenso que percorria a cidade quando se fala de industrialização, por volta de 1980, as atividades ligadas ao setor terciário começaram cada vez mais a estarem presentes no cotidiano joseense, permanecendo o setor primário estável, enquanto o secundário passava a apresentar reduções resultantes de investimentos voltados à tecnologia (SOUZA e COSTA, 2010).

Tabela 2: Evolução da população de São José dos Campos (1940-2020)

Ano	População		
	Total	Urbana	Rural
1940	36.279	14.474	21.805
1950	44.804	26.600	18.204
1960	77.533	56.882	20.651
1970	148.332	132.482	15.850
1980	287.513	276.901	10.855
1991	442.370	425.515	16.855
2000	539.313	532.717	6.596
2010	629.921	615.022	14.899

2020

710.654

696.197

14.457

Fonte: Censos Demográficos – IBGE e Fundação SEADE (2020).

O período de transição sanatório–indústria demorou cerca de 50 anos para finalmente se concretizar, em 1990. A cidade, a partir de então, passou a ser reconhecida exclusivamente como industrial e se tornou a “produtora e difusora de alta tecnologia relacionada ao setor aeroespacial” (SOUZA e COSTA, 2010, p. 90). Em relação ao “apagamento” ou à descaracterização da memória sanitaria da cidade, pode-se citar a derrubada do casarão do Parque Santos Dumont, espaço do centro expandido que abrigou, de 1936 a 1966, o sanatório Ezra, fundado pela Comunidade Israelita. Em 1969, a prefeitura desapropriou a área do sanatório e a transformou no primeiro parque público de São José dos Campos, inaugurado em 1971 em homenagem o grande aviador Santos Dumont, o que marcou simbolicamente o centro expandido da cidade. Já o Parque Vicentina Aranha ainda preserva a história sanitaria da cidade, mas por meio de suas atividades artísticas e culturais, uma positiva a imagem do passado preservado. Este último é tombado como patrimônio histórico pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAT), pois se trata de um projeto arquitetônico creditado a Francisco de Paula Ramos de Azevedo.

Território, cultura e identidade: a comunidade imaginada joseense

No caso joseense, portanto, pode-se dizer que a modernidade e a circulação cosmopolita trazidas pela indústria tecnológica são carregadas de seletividades impostas por uma elite global cujos estilos de vida, igualmente considerados “globalizados”, não podem ser compartilhados universalmente. Isso faz com que tal elite global seja considerada homogênea e que, dentro de suas comunidades, uma série de normas e regras impostas por ela seja meticulosamente seguida, como ressalta Bauman (2009). De acordo com Zanetti (2008), em São José dos Campos havia uma necessidade de apagar o passado pautado na tuberculose e criar uma simbologia e representações para que uma nova identidade fosse encontrada.

Nota-se, então, a criação de um discurso fruto de uma cultura “nacional” internacionalista/globalista, que “ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (HALL, 2006, p. 50 e 51). Os símbolos que circularam nos jargões joseenses foram da modernidade e do cosmopolitismo, o quais enterraram a identidade sanitaria da cidade e apagaram outros símbolos regionalista.

Em São José dos Campos, especialmente nas propagandas que passaram a circular a partir de 1980 pelos veículos de comunicação, constantemente se reforça a ideia de uma cidade inovadora, portadora de um instituto voltado a estudos aeroespaciais, considerada, desde 2012, a capital da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte e a melhor cidade para se morar por conta de toda a sua estrutura moderna, o que oferece ao indivíduo conforto e segurança, entre outras falas. Como citado por Hall (2006), a ideia de nação é construída fortemente pela mídia, pela literatura e pelas demais produções culturais. Entende-se que essa narrativa que se compartilha dá significado à existência do indivíduo, fazendo-o se sentir pertencente a algo e criando uma comunidade imaginada. O que acontece na cidade é justamente a ilusão deste “ideário de comunhão”, que Anderson (2008) descreve.

Essa comunidade é imaginada porque, independentemente do quão grande ou pequeno seja a extensão da nação, é impossível que seus habitantes se conheçam, se encontrem ou ouçam falar uns dos outros, mesmo que o ideário de comunhão perdue entre eles (ANDERSON, 2008).

Enquanto diversos indivíduos constroem e efetivam a nova identidade “cosmopolita” (SANTOS, 1997), qualquer outra identidade que, de alguma forma, não sustente uma ideia de desenvolvimento - ou, em outras palavras, que carregue consigo o estigma (GOFFMAN, 1963) do atraso, como acontece com as identidades tradicionais do mineiro ou do caipira, ambas vistas como inferiores -, tem negado o pertencimento à cidade, construída com base no ideal desenvolvimentista.

Como descrito anteriormente, os costumes que se fazem presentes nas identidades tradicionais são carregados de sentidos negativos na visão do indivíduo “cosmopolita” (SANTOS, 1997). Porém, Hobsbawm (1997) argumenta que, na verdade, um costume tradicional “tem dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente” (HOBSBAWN, 1997, p. 10).

Bauman (2009), em seu livro *Comunidade: a busca por uma segurança no mundo atual*, remete-se a uma ideia similar à de Anderson (2008) ao discorrer sobre o processo de modernização e à criação do que o autor denomina de “comunidades cercadas”. Segundo o conceito, os indivíduos pertencentes a estas comunidades se utilizam de seus recursos financeiros com a finalidade de se cercarem de altas tecnologias, como câmeras de segurança e fechaduras eletrônicas, e em locais murados que

produzem a sensação de conforto e segurança, entre outras, para se distanciarem de intrusos. Estes intrusos:

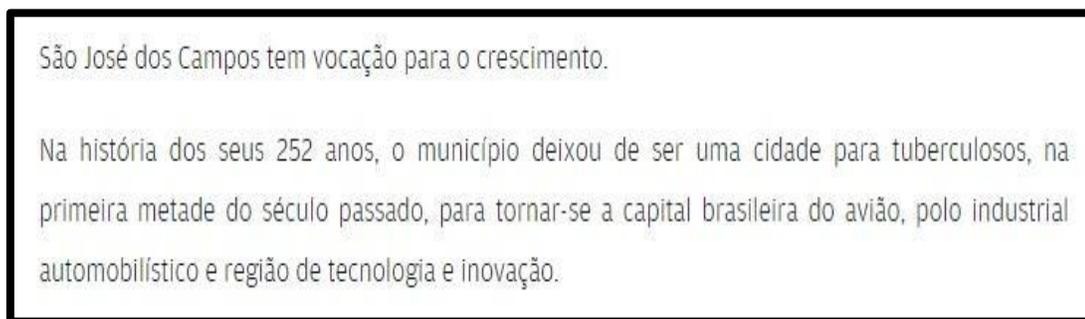
[...] são todas as outras pessoas, culpadas de ter suas próprias agendas e viver suas vidas de modo como querem. A proximidade de outras agendas e de modos de vida alternativos solapa o conforto de “acabar rapidamente e começar do começo”, e por isso os “intrusos” são objetos de ressentimento porque visíveis e embaraçosos”. (BAUMAN, 2009, p. 52).

Dessa forma, os territórios são espaços de disputas de poder (RAFFESTIN, 1993), no quais os indivíduos que neles se estabelecem buscam construir suas trajetórias e narrativas de bem-estar por meio de definições morais, o que pode incluir, ainda no século XX e XXI, noções de civilização e modernidade. A identidade social ainda importa e constitui uma dimensão fundamental para os cidadãos.

Os símbolos da comunidade imaginada: análise das imagens do desenvolvimento tecnológico

A partir da década de 1990, a tecnologia, então, passou a orientar o discurso sobre São José dos Campos. A Figura 1 apresenta elementos que trazem a questão da supervalorização das ideias de crescimento e de tecnologia em detrimento da cidade vinculada à tuberculose. Assim, a criação de uma comunidade imaginada assumiu relevância no discurso local. Como posto pela propaganda de aniversário de 253 anos da cidade, assumir uma vocação significa aceitar um chamado ou um destino dado.

Figura 1 – “São José tem vocação para o crescimento”

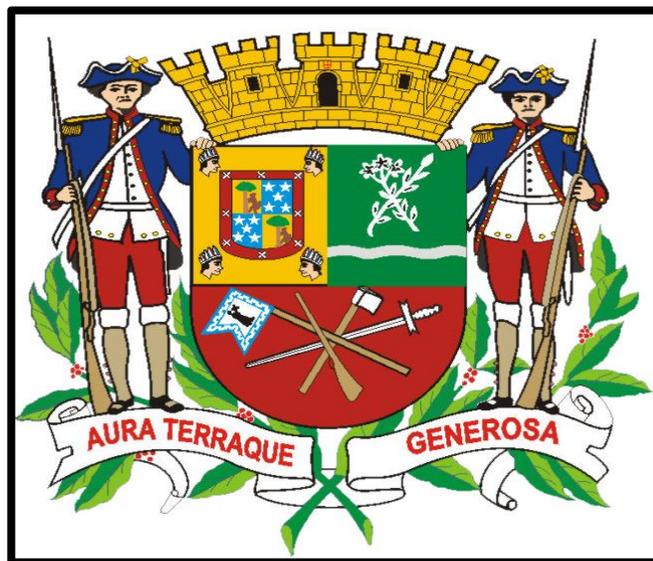


Fonte: O Vale, São José dos Campos, de 27 de julho de 2019.

O brasão criado em 1926 carrega consigo um lema “*Aura terraque generosa*”, ou seja, “Generosos são os meus ares e minha terra”, novamente demonstrando a vocação que a cidade tinha

e que, agora, poderia ser encontrada por toda a cidade em uma simbologia oficial, isto é, na forma de brasão (ZANETTI, 2012, p. 77).

Figura 2 – Brasão de São José dos Campos



Fonte: PMSJC.

De acordo com Miura (2006, p. 80 a 82), a partir da década de 1970, o poder público iniciou ações intensas de propaganda que retratassem a cidade de forma positiva para que, assim, fosse possível a atração de investimentos de setores tanto públicos como privados, e, também, a introdução de hábitos e estilos de vidas novos entre a população. O constante *marketing* se propagava via emissoras locais de rádio e instalações de *outdoors* em locais de constante passagem de pessoas. Os canais de televisão nacionais foram essenciais para a construção dessa nova identidade, que foi sendo construída e fixada cada vez mais. Porém, de acordo com o mesmo autor, o *marketing* urbano que se fazia da cidade começou a apresentar um aspecto exagerado e a criar, no morador joseense, o sentimento de orgulho por pertencer à cidade. Tal sentimento era carregado de um discurso que se apresentou, muitas vezes, de forma ufanista.

Como já foi explorado neste artigo, os símbolos que afirmavam a identidade sanatorial da cidade foram sendo substituídos por novos símbolos que remetessem à nova fase industrial e tecnológica. Tem-se como exemplo o Parque Santos Dumont, onde antes se localizava o sanatório Ezra. Agora, encontram-se réplicas de aviões e foguetes construídos por volta da década de 1971 (MACHADO, 2019, p. 122). As Figuras 3 e 4 registram alguns elementos expostos no parque.

Figura 3 – Foguetes Parque Santos Dumont



Fonte: Isabel Degen Alendes

Diferentemente de um sanatório, o avião se apresenta no século XX como uma máxima tecnológica, que rompe com a condição da imobilidade de um país, ligando-se aos fluxos internacionais de bens e capitais. Para São José dos Campos significou o desenvolvimento por meio de incentivos estatais em 1969 com a criação da Embraer e um parque industrial ligado a mesma.

Figura 4 – Avião Parque Santos Dumont



Fonte: Isabel Degen Alendes

Com o passar dos anos, cada vez mais a cidade apresentava novas construções que ainda hoje perpetuam a São José dos Campos inovadora. Tem-se como um exemplo a recente construção, realizada em 2019, do intitulado “Arco da Inovação”, representado na Figura 5. A obra também é conhecida como “Ponte Estaiada”, cujo intuito é o de permitir uma fluidez maior de veículos em vias sem semáforos e, teoricamente, evitar problemas relacionados ao trânsito. A ponte interliga três importantes avenidas: Jorge Zarur, São João e Cassiano Ricardo. Ela foi arquitetonicamente inspirada nas construções de outras cidades brasileiras, principalmente nas capitais.

Figura 5 – Ilustração do Arco da Inovação

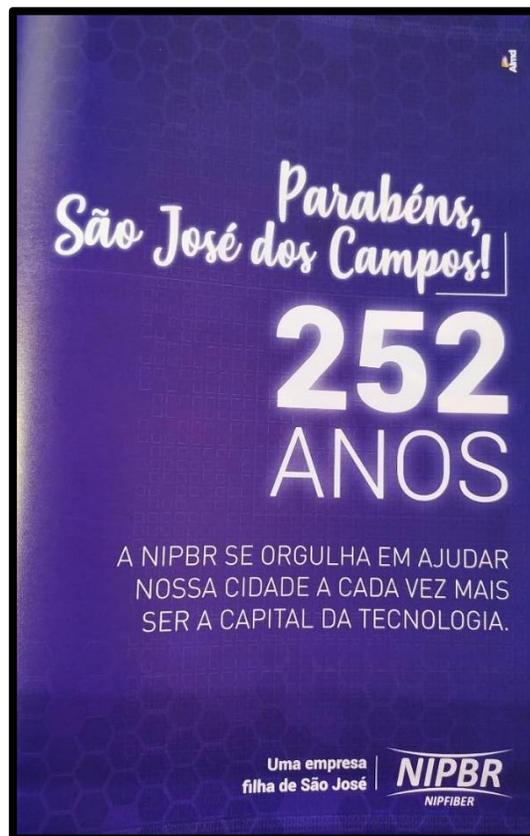


Fonte: Prefeitura de São José dos Campos.

A questão a ser observada é o valor simbólico que a palavra “inovação” traz. Trata-se de uma ponte como outras construídas pelos perímetros da cidade, só que localizada em uma região em que predomina a classe média-alta.

No mesmo caminho seguem as propagandas atuais sobre a cidade, em sua grande parte veiculadas por empresas, instituições de ensino, entre outros que, constantemente, buscam elogiar e mostrar-se orgulhosos de se encontrarem em São José dos Campos. Para exemplificar tal condição, verifica-se na Figura 6 uma propaganda da empresa NIPBR.

Figura 6 – Propaganda da NIPBR sobre São José dos Campos



Fonte: NIPBR/*O Vale*, edição comemorativa 252 anos.

Com o intuito de apagar o que restara da crise econômica ocorrida nos anos iniciais de 1990, a cidade buscou atrair investimentos externos, especialmente aqueles ligados a micro e pequenas empresas. Tendo apoio de leis que efetivavam ações ligadas ao ramo empreendedor, a cidade iniciou, portanto, uma nova fase pautada em uma nova vocação, que então tornou a cidade empreendedora (MACHADO, 2019, p. 128 e 130).

Somada a esta “nova vocação empreendedora”, apresentada por Machado (2019), tem-se a identidade construída com base no ideal de cidade desenvolvimentista e possuidora de um polo tecnológico que, com o decorrer dos anos, se intensificou e reforçou o sentimento de uma nova cidade. Um exemplo muito presente é a bandeira de São José dos Campos, representada na Figura 7, que carrega consigo todo um significado:

- Blau e prata, treze listras, figura de uma roda dentada em ouro simbolizando a riqueza sempre ascendente do município;

- Faixa prata, sinuosa, representando o Rio Paraíba do Sul;
- Três estrelas simbolizando os três distritos: São José dos Campos, Eugênio de Melo e São Francisco Xavier;
- Os treze dentes da engrenagem destacam o entrosamento entre o estado e o município. (PMSJC, 2019).

Figura 7 – Bandeira de São José dos Campos



Fonte: PMSJC.

Nos anos finais da década de 1990, o empreendedorismo passou a ser o mais novo discurso da cidade, complementando o discurso anterior, pautado no desenvolvimento tecnológico. Os governos implantados após esse período constantemente reforçaram a ideia de uma São José dos Campos empreendedora, e isso foi evidenciado quando foi sancionada a primeira lei exclusivamente pautada no empreendedorismo, assim como a constante menção à tal palavra nas leis seguintes (MACHADO, 2017, p. 132).

Ainda nesse mesmo cenário empreendedor, tem-se o Parque Tecnológico de São José dos Campos, representado na Figura 8, que se localiza na Estrada Dr. Altino Bondensan, no distrito de Eugênio de Melo, inaugurado em 2009. Ainda hoje se perpetua o sentimento empreendedor que o cidadão joseense deve ter. Dentro de suas edificações, instalam-se diferentes empresas com seus respectivos empreendimentos.

Figura 8 – Parque Tecnológico de São José dos Campos



Fonte: Antonio Basílio/PMSJC.

Os símbolos da comunidade imaginada: identidades negadas ou regionalizadas

Enquanto diversos indivíduos constroem e efetivam a nova identidade “cosmopolita” (SANTOS, 1997), qualquer outra identidade que, de alguma forma, não sustente uma ideia de desenvolvimento - ou, em outras palavras, que carregue consigo o estigma (GOFFMAN, 1963) do atraso -, será colocada em um lugar de inferioridade e será negada. É o caso das identificações regionalistas relacionadas aos migrantes mineiros e ao caipira. Essas duas estruturas simbólicas não fazem parte do ideal moderno e desenvolvimentista.

De acordo com Leila de Albuquerque (1999), inspirada por Elias (1990) e Foucault (1984), a ideia de modernidade está ligada diretamente ao conceito de progresso, que carrega consigo uma série de valores, tais como “padrões de conduta ditos civilizados”. Esses valores criam uma espécie de sociedade que seria desejada, mas que, ao mesmo tempo, se mostraria agressiva para com comunidades tradicionais, consideradas, na visão do moderno, contraditórias ao seu modelo de vida.

Cassio Brancalone (2008), no mesmo caminho que Leila de Albuquerque (1999), reforça esse debate sobre a consequência do processo modernizador no cotidiano do indivíduo e sua comunidade, indicando que:

Na passagem do modo de vida rural para o urbano, teríamos o desencadeamento de uma ruptura na organização desses núcleos de sociabilidade. Quanto mais se

multiplicava a vida da cidade – ou seja, a medida que o mercado estimulava o desenvolvimento hipercefálico da urbe -, mais perdiam forças os círculos de parentesco e vizinhança como motivos de sentimentos e atividades comunitários. (BRANCALEONE, 2008, p. 100).

A identidade do caipira, que paira sobre o Vale do Paraíba, é um exemplo do que fora exposto na citação apresentada acima. Antônio Candido (1975), ao trabalhar com o caipira e sua inserção na civilização urbana, retrata os processos que levam este indivíduo a se deslocar para a cidade. Inicialmente, “a vida tradicional do caipira paulista apresentava as suas soluções no plano do bairro agrícola, onde sítiantes – proprietários ou posseiros – mantinham relativa estabilidade” (CANDIDO, 1975, p. 215).

A partir do processo de descolamento, isto é, o momento em que a migração rumo à civilização urbana se inicia, a vida que o indivíduo caipira carregava consigo começa a se romper aos poucos. Antes, quando junto com aqueles que carregavam os mesmos costumes e que faziam parte de sua vida no dia a dia, havia uma espécie de equilíbrio quando comparados uns com os outros. Porém, agora na vida urbana, comparando-se com outros grupos herdados de características diversas, o caipira começa a sentir desajustado (CANDIDO, 1975, p. 217).

De acordo com Candido (1975), diversos estereótipos, principalmente aqueles vinculados à ideia de atraso, são produzidos frente à imagem do caipira devido à forma como este construiu sua cultura e sociabilidade e “se apegou a elas como expressão da sua própria razão de ser” (CANDIDO, 1975, p. 82).

Um exemplo que Candido (1975) traz é a criação do personagem Jeca Tatu por Monteiro Lobato, em 1914, que ganhou muito destaque tanto na literatura quanto no cinema brasileiro. Constantemente, vincula-se a este personagem a ideia estereotipada de preguiça, de roupas malvestidas e rasgadas e de uma pessoa que passa seu tempo na ociosidade. Assim como Candido (1975), Mazzaropi retrata uma imagem sobre a identidade caipira. Porém:

[...] o caipira desenhado por Mazzaropi é completamente oposto ao caipira desenhado por Antônio Candido: ele é mal-educado, maltrata sua mulher publicamente, cospe no chão, faz cara de idiota, e se faz de sonso quando é preciso tirar alguma vantagem da situação, exatamente como faria a figura consagrada do malandro urbano. Então, de certa maneira, Mazzaropi atribui a esse homem rural todas as qualidades negativas para a sociedade que começa a se urbanizar e a se industrializar. Era preciso abandonar aquele modo de ser para fazer jus ao tempo da modernização e da sociedade urbana. (TOLENTINO, 2010, p. 82).

De modo paralelo à identidade do caipira, podemos considerar outro símbolo relacionado a estereótipos, que está amplamente presente em São José dos Campos: a “mineiridade”. Conforme citado na introdução, o município recebeu muitos fluxos migratórios, e aqueles que derivaram de Minas Gerais trouxeram muitos elementos para a composição da cultura local. A Zona Norte, em São José dos Campos, por exemplo, é um “espaço de mineiro”, como o joseense comumente cita.

Em seu estudo, Carvalho (2011, p. 10) analisa a criação de piadas voltadas ao indivíduo mineiro, buscando mostrar os estereótipos construídos e apresentados nas piadas e que criaram uma imagem incorporada pela própria sociedade diante da identidade mineira. O autor também buscou mostrar “representações identitárias veiculadas pelas piadas, dentre os quais podemos destacar: o mineiro caipira, o mineiro esperto, o mineiro desprovido de inteligência ou estudos, o mineiro preguiçoso e o jeito próprio de falar do mineiro” (CARVALHO, 2011, p. 10).

O interessante, porém, é que mesmo que estas identidades sejam negadas por outras - como ocorre diante da identidade joseense cosmopolizada -, elas se fazem presentes em diversas regiões da cidade, mais especificamente na zona Norte, onde conseguem perpetuar os costumes trazidos da sua cidade natal. Como exemplo, tem-se a Festa do Mineiro, representada na Figura 9, que ocorre todo ano em São José dos Campos no Pavilhão Gaivota do Parque da Cidade, também localizado na zona Norte.

Figura 9 – Cartaz de divulgação da Festa do Mineiro



Fonte: Guia SJC/FCCR. (2019).

O evento, que em 2019 completou seu 18^a ano, conta com uma agenda de dois dias com programações que se iniciam no período da manhã de sábado, com uma missa de abertura, e se estendem até o início da noite. A festa traz desde comidas típicas, artesanatos e músicas tradicionais da região apresentadas pela Orquestra Paulista de Violas Caipiras, até oficinas de Luteria de Violas (PMSJC, 2019).

Assim como a cultura mineira se faz presente em São José dos Campos, também se faz a do caipira, valorizada, por exemplo, pela Orquestra Piraquara de Viola Caipira de São José dos Campos. Trata-se de um grupo musical que, durante os anos de 2014 e 2015, foi gerido pela Associação para o Fomento da Arte e Cultura (AFAC) em convênio com a Fundação Cultural Cassiano Ricardo. O objetivo proposto pelo grupo musical é a valorização e divulgação da música raiz.

O caipira também está fortemente ligado à culinária típica de região. Em São José dos Campos, o bolinho caipira é bastante conhecido e apreciado pela população. Na região do Vale do Paraíba, a receita do bolinho caipira pode variar, porém, independentemente de sua composição durante o preparo, é uma das comidas mais esperadas na época de festa junina. Trata-se, assim, de uma iguaria regionalizada e representativa de um determinado gosto pela tradição.

Conclusão

Em São José dos Campos, as identidades sociais se construíram a partir de um longo processo histórico, econômico e social e, evidentemente, são modelos em disputa. O crescimento de indústrias acompanhou a urbanização e modernização capitalista de moldes globais, além de consolidar novos aspectos socioculturais, relacionados à chegada de novos elementos imagéticos e exteriores. Essa conjuntura colocou em questão as identidades locais e regionais por não parecerem adequadas às visões de desenvolvimento da cidade. Por isso, se verificou a negação de determinados símbolos derivados de outro tempo histórico, tal como aqueles da fase sanatorial.

O “sentimento” de modernização, cada vez mais crescente e presente na vida dos indivíduos, fez com que a ideia de uma cidade inovadora constituísse um impulso para a criação de uma identidade cosmopolita, isto é, uma comunidade imaginada movida pela ideia da mobilidade e das trocas transnacionais, representadas por símbolos como o avião, presente na totalidade das propagandas da cidade, tanto aquelas produzidas pelo poder público quanto por outros setores de serviço e comércio. A inauguração de órgãos governamentais de vocação militar, como o CTA, ITA,

INPE, e demais institutos de pesquisas e empresas, como a Embraer, ainda na década de 1960, colaborou para a criação de uma nova identidade joseense, afastando a cidade das memórias de sua fase sanatorial, quando era conhecida como Estância Climatérica e Hidromineral e estimulava a vinda de “pacientes” a São José dos Campos à procura da cura para a tuberculose.

Diante desse cenário de transformação, este trabalho trouxe à luz as identidades regionais, sobretudo a do mineiro e a do caipira, com o intuito de mostrar como elas estão ligadas ao estereótipo do atraso e como esse estereótipo é usado para negar-lhes a participação na construção da identidade joseense, sempre voltada ao ideal da cidade moderna, inovadora e cosmopolita. Assim, São José dos Campos apresenta-se como um território em disputa atravessado por relações de poder que definem suas identidades e representações sociais. Estas disputas são evidentes na publicidade da cidade, como este trabalho tentou demonstrar.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ALBUQUERQUE, Leila Marrach Bastos de. **Comunidade e sociedade: conceito e utopia**. Revista Raízes. Campina Grande, n° 20, 1999, pp. 50-53.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- BRANCALEONE, Cassio. **Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisando Ferdinand Tönnies**. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 39, n° 1, 2008.
- BOLETIM MÉDICO, 1933. Arquivo Público do Município de São José dos Campos.
- CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1964.
- CARVALHO, Leonora Guiné de Mello. Estereótipo e identidade em piadas sobre mineiro: uma perspectiva da Análise do Discurso. **Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações**, 2011.
- CARVALHO, Luciane; SILVA, Maria Goreti. **Crescimento Urbano e mercado imobiliário em São José dos Campos, entre 1950 e 1970**. Trabalho de Conclusão de Curso. São José dos Campos: Univap, 2007.
- COSTA, Sandra Maria. Fonseca. **Deteção e avaliação das mudanças na estrutura intraurbana da Cidade de São José dos Campos, SP, utilizando dados e técnicas de sensoriamento remoto e geoprocessamento – uma análise multitemporal**. São José dos Campos, Univap, 2001. Relatório de pesquisa (Linha Regular Fapesp).

COSTA, Sandra. Maria Fonseca; Godoi de Maria, M. Crescimento Urbano e Novas Formas de Urbanização. In: Costa, Sandra M. F. da; Mello, Leonardo Freire. de. (Org.). **Crescimento Urbano e Industrialização em São José dos Campos**. led. São José dos Campos: Intergraf, 2010, v. 1, p. 109-141.

COSTA, Sandra. Maria Fonseca.; SOUZA, Adriane Aparecida Moreira; Barroso, Nanci; NOVAES JÚNIOR, R. A. Processo de horizontalização e verticalização em São José dos Campos de 1950 a 200. In: Maria Aparecida Papali (Org.). **Histori(cidade)s** – Um olhar multidisciplinar. 1 ed. São Paulo: Anna Blume, 2008, v.1, p. 1-181.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª edição, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

MACHADO, Pedro Henrique Faria. **São José dos Campos e das Vocações: uma análise do ideário empreendedor como projeto de competitividade urbana a partir da década de 1990**. São Paulo: s.n, 2019.

MIURA, Veriano Takuji. **Da imagem construída à imagem percebida: Os marcos referenciais urbanos na paisagem de São José dos Campos – SP**. Planejamento Urbano e Regional. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade do Vale do Paraíba. São José dos Campos: UNIVAP, 2006.

PAPALI, Maria Aparecida.; ZANETTI, V (coord.). **Coleção São José dos Campos: História e Cidade**. São José dos Campos: Univap, 2010.

PAPALI, Maria Aparecida, Org. **Histori(cidade)s: um olhar multidisciplinar**. São Paulo: Annablume; São José dos Campos: Univap, 2008.

PAPALI, Maria Aparecida; COSTA, S. M. F.; ZANETTI, V.; SILVA, Douglas de Almeida; CARVALHO, Luciane do Carmo Guimarães. Dinâmica Urbana da Zona Leste de São José dos Campos (SP) e a Refinaria Henrique Lage (REVAP). In: COSTA, Sandra; MELLO, Leonardo Freire de; PAPALI, Maria Aparecida; ZANETTI, Valéria. (Org.). **Crescimento Urbano e Industrialização em São José dos Campos**. 1 ed. São José dos Campos: Univap/Intergraf, 2010, v. 5, p. 143 – 162.

PMSJC, Prefeitura Municipal de São José dos Campos. Serviço de Estatística Municipal. **Anuário estatístico da estância hidromineral e climatérica de São José dos Campos**. Apresentado ao Prefeito Sanitário, Engenheiro Francisco José Longo. São José dos Campos, 1938.

PMSJC, Prefeitura Municipal de São José dos Campos. **18ª Festa do Mineiro valoriza comida, artesanato e violeiros**. Disponível em: <<https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2019/abril/22/18%C2%AA-festa-do-mineiro-valoriza-comida-artesanato-e-violeiros/>>. Acesso em: 29 de nov. de 2019 às 21:36.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, SP: Ática, 1993.

REIS, Liana Maria. Mineiridade: identidade regional e ideologia. **Cadernos de História**, v. 9, n. 11, p. 89-98, 2007.

SANTOS, M J. C; FRANCHI, M. A urbanização e a construção do rural no cinema de Mazzaropi. In: **Rev. Inter. Folk.** v.1. 10. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1144/821> – Acesso em: 28 nov. 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. Uma concepção multicultural de direitos humanos. Lua Nova [online], 1997, n.39, pp.105-124.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2000.

SOUZA, Adriane Aparecida Moreira de; COSTA, Wanderley Messias da. **Atividades Industriais no Interior do estado de São Paulo:** Uma análise de formação do complexo tecnológico, industrial, aeroespacial de São José dos Campos. Costa, Sandra Maria F. da; Mello Leonardo Freire de. **Crescimento Urbano e Industrialização em São José dos Campos.**

SOUZA, Adriane Aparecida Moreira de. **A especialização do lugar:** São José dos Campos como centro da tecnologia aeroespacial no País. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. 2008, 191 páginas.

SOUZA, Adriane Aparecida Moreira de. O processo de verticalização na cidade de São José dos Campos. 2000. **Mestrado em Planejamento Urbano e Regional** - Instituto de pesquisa e desenvolvimento, Universidade do Vale do Paraíba. São José dos Campos.

ZANETTI, Valéria. **Cidade e Identidade:** São José dos Campos, do peito e dos ares. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2012.